

Editorial: Ensino de ciências e educação para e/em saúde: perspectivas, interfaces e conexões

Julio Cesar Bresolin Marinho

juliomarinho@unipampa.edu.br

orcid.org/0000-0002-2313-500X

Universidade Federal do Pampa
(UNIPAMPA), São Gabriel, Rio Grande
do Sul, Brasil

Thiago Ranniery

t.ranniery@gmail.com

orcid.org/0000-0003-4399-2663

Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,
Brasil

O que, hoje, podemos chamar e conhecer como um certo pensamento sobre Educação em Saúde (ES) no Brasil tem sua emergência na década de 50 do século passado. 30 anos depois, e Cardoso de Melo (1981) já insistia em conceber que o binômio saúde/doença deveria ser compreendida na sua multicausalidade, além de determinações unidirecionais. Desde então, é notável como este pensamento se desdobrou e se multiplicou, tornando-se, como Schall e Struchiner (1999, p. 4) apresentam, “um campo multifacetado, para o qual convergem diversas concepções, das áreas tanto da educação, quanto da saúde, as quais espelham diferentes compreensões do mundo, demarcadas por distintas posições político-filosóficas sobre o homem e a sociedade”. Sob este signo das múltiplas faces de um campo vívido - evidência facilmente perceptível nos artigos que compõem este dossiê temático -, podemos reconhecer que a Educação em Saúde se constitui como um espécie de terreno epistemológico híbrido, derivado, sobretudo, da fusão de aspectos oriundos tanto do campo educacional quanto da saúde. Múltiplo, portanto, o campo de estudos da Educação em Saúde prolifera variados entendimentos e compreensões sobre os fenômenos correlatos com a saúde. Esta multiplicidade é, como se poderá perceber, um certo tipo de fonte epistemológica que vem permitindo que o campo responda e incorpore velhas e novas questões.

Não sem razão, Mohr e Schall (1992) descrevem que são infinitas as possibilidades para se desenvolver práticas de ES, mas salientam que estas devem ser estruturadas de acordo com cada situação, pois:

As peculiaridades cultural e ambiental de cada comunidade exigem que todas as ações partam de tal especificidade e que a levem em consideração estrita. Campanhas de caráter nacional que desconsideram as particularidades regionais de nomenclatura atribuídas a vetores de doenças, por exemplo, ou ainda os hábitos culturais e sociais distintos de populações geograficamente próximas estão fadadas ao insucesso. Da mesma forma, atividades desenvolvidas na escola, que têm por ponto de partida situações alheias à realidade vivida pelos seus alunos, desperdiçam tempo e oportunidades valiosas. O mesmo ocorre quando se ignora o conhecimento popular acerca de determinada situação,

desvalorizando-o e inferiorizando-o, ao invés de trabalhar junto e a partir dele (Mohr & Schall, 1992, p. 201).

De maneira similar, algo deste porte, talvez, possa ser dito da aproximação entre Educação em Saúde e Ensino de Ciências; disciplina escolar que historicamente pode-se reconhecer como o conhecimento científico é distribuído e organizado na escolarização para realizar funções de Educação em Saúde socialmente esperadas e demandas dos currículos: da sexualidade ao uso de substâncias como álcool e drogas, da alimentação ao fenômeno recente do negacionismo científico. A despeito, contudo, dessas ressonâncias sócio-históricas - ou, quem sabe, em virtude de uma certa aparente obviedade ainda pouco interrogada -, nem sempre as interfaces e conexões entre ambos vem sendo exploradas de forma consistente como objeto de investigação acadêmica. O presente dossiê temático buscou, sobretudo, reunir pesquisas que explorassem essas perspectivas e, de fato, articulassem aspectos da saúde com o campo da Educação e do Ensino de Ciências, ao mesmo que levassem a sério a herança de transcender a perspectiva biomédica na expectativa de contribuir para pensarmos em novas/outras formas de conceber a saúde.

Os 22 trabalhos que compõem o dossiê “Ensino de Ciências e Educação para e/em Saúde: perspectivas, interfaces e conexões” retratam essas diferentes faces do campo da ES e suas conversas plurais com a Educação e o Ensino de Ciências. Algo notado no ensaio teórico, “Educação em Saúde como Campo de Pesquisa na Educação em Ciências: reflexões, desafios e potencialidades”. Nele, Tiago Venturi, Ronaldo Adriano Ribeiro da Silva e Victoria Emilia Gomes Martins destacam os desafios e possibilidades da Educação em Saúde enquanto campo de investigação da Educação em Ciências. Os autores ressaltam a necessidade de superar abordagens normativas, preventivas e comportamentalistas, predominantes nas práticas escolares e nas pesquisas acadêmicas. Enfatizam a necessidade de integrar alfabetização científica, tecnológica, midiática e em saúde, como estratégia para formar cidadãos críticos e reflexivos, capazes de interpretar informações científicas e combater a desinformação, promovendo decisões éticas em saúde.

Um movimento, certamente, marca essas pesquisas: os sentidos de saúde que circulam desde os textos das políticas educacionais e seus endereçamentos até as práticas docentes e escolas. O trabalho “Os sentidos da saúde na escola, uma análise documental da circulação de ideias”, de Joana Viana de Barros, por exemplo, procurou mapear os sentidos sobre saúde apresentados nos documentos orientadores da saúde na escola, com foco na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e na Portaria 1.055/2017, que regulamenta o Programa Saúde na Escola (PSE). Por sua vez, em “Concepções e práticas de professores de Biologia sobre Educação em Saúde no Rio de Janeiro”, Caio Roberto Siqueira Lamego, Maria Cristina Ferreira dos Santos e Paulo Roberto Vasconcellos da Silva exploram as concepções e práticas de professores de Biologia sobre a Educação em Saúde enquanto realizam uma reflexão sobre suas perspectivas para a promoção da saúde na escola. A análise das abordagens em saúde indica a persistência das tendências biomédica, comportamental e higienista nas práticas docentes, priorizando temas e enfoques relacionados às disfunções anatofisiológicas humanas, educação alimentar e nutricional e IST, justificando os discursos hegemônicos em saúde na escola.

Com efeito, a formação de professores é outro eixo que marca as preocupações de pesquisa. A formação inicial de professores de Ciências Biológicas para a Educação em Saúde é objeto de investigação de “Educação em Saúde: potencialidades de discussões na formação inicial de professores”, de autoria de Eloisa da Silva Pauletti e Eliane Gonçalves dos Santos. A investigação “Letramento científico midiático e Educação em Saúde: análise de *podcasts* produzidos por licenciandos”, de Rafaela Ferreira dos Santos, Laís Gonçalves Gonçalves Berruezo, Taís Rabetti Giannella, também trata de aspectos correlatos com a formação inicial docente em Ciências Biológicas. As autoras analisaram a contribuição da produção de *podcasts* sobre as inter-relações entre mudanças climáticas e dengue para a mobilização de letramento científico midiático na formação inicial docente em ciências biológicas. As autoras apontam que, ao produzir *podcasts*, os licenciandos exercitam análise crítica, autoria e posicionamento social, aproximando os campos da educação científica e educação em saúde.

Metodologia e abordagens de ensino é outra linha que podemos seguir nessas conexões. O artigo “Literacia em Saúde e convergências com o Ensino por Investigação: possíveis aproximações e implicações para formação científica”, de Andreia Freitas Zompero, Vinicius Ferreira Lourenço e Isilda Teixeira Rodrigues, procurou discutir as aproximações entre o Ensino por Investigação e os níveis de literacia, em seus aspectos teóricos, e como essas possíveis convergências se articulam para a formação em saúde e científica dos estudantes. Como resultados, apontam para uma relação possível e promissora entre a utilização de atividades investigativas, contempladas no Ensino por Investigação e os níveis mais elevados de literacia em saúde, almejado na formação científica.

Produções que relacionam a Educação em Saúde com aspectos da sexualidade foram destaque em cinco artigos. Numa passagem dos experimentos metodológicos a um tema protagonista da ES, por sua longa história de saberes biomédicos. “Travessias dissidentes: o que podem as artes no encontro com a educação e a saúde?”, de Anderson dos Santos Alves de Abreu e Leonardo Maciel Moreira, discute as potências das linguagens artísticas como dispositivos de criação, reflexão e intervenção no encontro entre educação e saúde, especialmente quando atravessadas por corpos dissidentes e experiências LGBTQIAPN+, negras e periféricas. O artigo “Educação para/em saúde, sexualidade e currículo: perspectivas docentes, complexidades e desafios”, de Ana Lina Dias Martins, Danilo Araujo de Oliveira e Anderson Ferrari, apresenta os resultados de uma pesquisa que investigou as conexões entre educação para e/em saúde, sexualidade, currículo e práticas pedagógicas de professores/as de Ciências e Biologia. Os autores evidenciaram contradições no trabalho escolar com a sexualidade: de um lado, o receio e a resistência de famílias e setores conservadores; de outro, a potencialidade da escola pública como espaço de problematização e produção de saberes. A análise de livros didáticos realizada por Youry Souza Marques e Andréa Costa da Silva, no artigo “HIV, aids, sexualidade: ensinamentos sobre saúde em livros didáticos de Ciências”, interrogou como livros didáticos de Ciências destinados à Educação de Jovens e Adultos (EJA) abordam os temas HIV, aids e sexualidade, identificando nos discursos, silenciamentos e perspectivas que orientam a possível construção de sentidos sobre saúde. Na investigação “A sexualidade na interface Educação em Saúde e Educação CTS: uma reflexão crítica da docência”, de Dynayane Mayara Pereira Callou, Soraia Valéria de Oliveira Coelho Lameirão, Sebastião Rodrigues-Moura e Adriano Santos de

Mesquita, procurou-se compreender experiências afetivas e de responsabilidade social de estudantes sobre a temática sexualidade na interface Educação em Saúde e Educação CTS, por meio de atividades crítico-reflexivas no Ensino Fundamental. Os resultados indicaram que a mobilização afetiva e de responsabilidade dos estudantes potencializaram a crítica, a reflexão ética e o compromisso social ao favorecer debates sobre desigualdades de gênero, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez precoce, além da construção do conhecimento científico, tecnológico, seu papel social e as relações de poder. Em, “Comunicação digital em saúde como prática educativa: discriminação, oncologia e vulnerabilidades da população LGBTQIAPN+ no Ensino de Ciências”, Thiago Ferreira Abreu, Tatiana Souza de Camargo, Luciano Silveira Pacheco de Medeiros, Welinton Da Silva Paulsen, Bruna da Rosa Alves e Emily Menezes de Albernaz analisam as estratégias de comunicação em saúde do perfil @desrotulandoLGBT no Instagram, identificando padrões de discriminação institucional vivenciados pela população LGBTQIAPN+ em serviços de saúde e suas implicações para o Ensino de Ciências, com atenção especial ao contexto oncológico. A fora o objeto instigante da oncologia, os autores documentam padrões recorrentes de discriminação institucional com implicações clínicas mensuráveis, particularmente na especialidade médica em questão.

Dentro os temas notáveis da Educação em Saúde, a temática da Educação Alimentar e Nutricional é o coração do artigo “Entre ciência, saúde e alimentação: análise da aplicação dos princípios da educação alimentar e nutricional na formação de professores de ciências biológicas nas universidades estaduais da Bahia”, de Adriane Lizbehd Halmann. A autora analisou a presença e o tratamento da Educação Alimentar e Nutricional nos currículos dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas das universidades estaduais da Bahia (UEBA). Ao tomar como objeto de pesquisa os Projetos Pedagógicos de Curso, matrizes curriculares, ementários e fluxogramas de onze cursos ofertados pela UNEB, UEFS, UESC e UESB, Halmann descreve a ausência de disciplinas obrigatórias e a presença pontual e fragmentado tema/perspectiva nas licenciaturas, predominando abordagens biologicistas e desarticuladas das dimensões socioculturais, políticas e ambientais da alimentação. Na mesma linha temática e argumentativa, o artigo “Para além dos nutrientes: uma crítica ao nutricionismo na Educação em Saúde”, de Pâmela Vieira Nunes, Cleiton Lessmann e Adriana Mohr, teve como objetivo analisar a hegemonia do nutricionismo nas práticas e discursos da Educação em Saúde, explicitando as formas com as quais opera essa racionalidade que restringe o ato de se alimentar aos aspectos biológicos e quantitativos. Examinando criticamente – o Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional, o Programa Nacional de Alimentação Escolar, o Programa Saúde na Escola e o Guia Alimentar para a População Brasileira – os autores identificaram articulações discursivas híbridas internas que se exacerbam à medida que os documentos mais recentes incorporam concepções expandidas sobre a alimentação, que reconhecem dimensões culturais, sociais e ambientais. Um exemplo de como podemos seguir outro caminho na abordagem da alimentação é apresentado em a “Otra salud es posible: Alimentación y Educación en Salud en la formación docente continua en tiempos de pandemia/Outra saúde é possível: Alimentação e Educação para a Saúde na formação contínua de professores em tempos de pandemia”. Nele, Raul Esteban Ithuralde, Verónica Becerro e Silvina Cordero descrevem, fundamentam e analisam os resultados de uma aula sobre

Alimentação e Educação para a Saúde ministrada no âmbito de uma formação continuada de professores na Argentina. O curso abordou a Alimentação na sua multidimensionalidade, complexidade e diversidade, destacando as desigualdades sociais, os circuitos produtivos e os processos de soberania alimentar.

No artigo “Representações gráficas de vacinas em livros didáticos de Ciências da Natureza do Ensino Médio”, André Felipe Moreira Reis, Premma Hary Soares Mendes Silva e Mariana Guelero do Valle, caracterizam as representações gráficas sobre vacinas presentes em livros didáticos de Ciências da Natureza para o Ensino Médio. Os autores identificaram nove representações gráficas de vacinas e ressaltam a importância da presença de uma variedade maior de imagens de vacinas e que tenham finalidade pedagógica em livros didáticos de Ciências da Natureza. A análise de imagens, desta vez, de um vídeo foi o foco do trabalho “A epidemia de Zika: Sentidos sobre ciência e tecnologia em um vídeo de divulgação científica”, de Marinilde Tadeu Karat. A autora analisa um vídeo de divulgação científica do canal Nerdologia do YouTube, que tem como referente as controvérsias sócio científicas da epidemia de Zika vírus e microcefalia. Karat argumenta que o vídeo apresentou uma abordagem colonial, que ignora as desigualdades sociais que são sistemáticas na nossa sociedade.

Três produções relatam intervenções pedagógicas de Educação em Saúde realizadas em sala de aula. As temáticas das intervenções residiram em: transtornos de ansiedade, Doenças Tropicais Negligenciadas (DTNs) e doação de sangue. O artigo “Educação em Saúde sobre transtornos de ansiedade no Ensino de Biologia a partir de uma sequência didática investigativa”, de Marcks Pray Costa de Oliveira, Maria Gabriela Parenti Bicalho e Thiago Martins Santos, analisou a avaliação de estudantes do ensino médio de uma escola estadual do município de Taparuba/MG sobre uma sequência didática investigativa (SDI) acerca dos transtornos de ansiedade. Os autores indicam que os estudantes avaliam positivamente a SDI sobre transtornos de ansiedade e consideram que a sequência aportou ao espaço escolar uma discussão pertinente e necessária, alinhando os conhecimentos em Biologia para enfrentamento das situações enfrentadas pelos adolescentes dentro e fora do espaço escolar. A investigação “Da realidade local à sala de aula: metodologias ativas na abordagem das Doenças Tropicais Negligenciadas no contexto do Ensino Médio”, de Glenda Graziela Vicente, Maria Izabella da Silva Rosa e Suzane Bezerra de França, analisou o potencial de uma proposta de ensino contextualizada para abordar Doenças Tropicais Negligenciadas (DTNs). A intervenção pedagógica, realizada em uma escola estadual em Lagoa do Carro/PE, permitiu identificar que os alunos ampliaram seus conhecimentos, compreendendo que as DTNs resultam de aspectos sociais, ambientais e políticos na realidade local. Anna Cecília de Alencar Reis, no artigo “Educar para Doar: relação Ciência e Cidadania em atividades sobre doação de sangue na escola”, investiga como, se e quais aprendizagens ocorrem da relação entre Ciência e Cidadania, a partir do tema de doação de sangue, em projetos de cooperação entre escolas e organizações sociais. A autora evidenciou que a articulação entre Ensino de Ciências, cidadania e promoção da saúde pode favorecer a formação de sujeitos críticos e comprometidos, construindo novos doadores.

Outra linha temática extrapola a escola e percorre interfaces em espaços não escolares. A investigação “Ensino de ciências em classes hospitalares: análise

foucaultiana dos enunciados sobre a abordagem do tema saúde”, de Ligia Souza e Alice Stephanie Tapia Sartori, analisa as justificativas dos professores de ciências, atuantes em Classes Hospitalares, quanto aos conteúdos relacionados à saúde em suas práticas pedagógicas. As autoras evidenciaram que tais enunciados configuram uma formação discursiva própria do Ensino de Ciências nesse contexto, na qual o saber pedagógico é atravessado pelo saber médico e pelas práticas de cuidado, ainda que a temática saúde esteja inserida na Educação em Ciências. De outra perspectiva, o artigo “Educação em Ciências na Formação e Atuação de Agente Comunitários de Saúde: Estado da Arte”, de Elizabeth Muriel Alfonso e Saul Benhur Schirmer, interroga como a Educação em Ciências tem sido abordada na formação e atuação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) em pesquisas na área de Ensino no Brasil. A pesquisa, do tipo Estado da Arte, aponta para fragilidades na formação científica e pedagógica dos ACS, especialmente quanto à continuidade das ações formativas, mas também apontam potencialidades relacionadas ao uso de metodologias participativas e contextualizadas. Por fim, o artigo “Educação não-formal em Saúde para Pessoas com Deficiência: um foco no Museu da Vida Fiocruz”, de Ana Carolina Alves Vicente e Jessica Norberto Rocha, apresenta o Museu da Vida Fiocruz (MVF) como um exemplo bem-sucedido na remoção de barreiras físicas, comunicacionais e atitudinais, uma vez que a instituição tem desenvolvido diversas práticas inclusivas para garantir o engajamento e participação de pessoa com deficiência (PcD). As autoras consideram que o estudo contribui na busca de outras instituições museais, de divulgação científica e/ou educação em saúde, em serem mais acolhedoras e inclusivas para PcD.

Pluralidade de temas e percursos metodológicos. Variedade de agendas e objetos de pesquisa. Multiplicidade de perspectivas teóricas. Por certo, quem estiver diante da leitura, reconhecerá há limites e silêncios: gênero, raça, deficiência, religião e mesmo, por exemplo, os tempos ultraconservadores e negacionistas e suas complicitades com a economização da vida e da saúde. Mas ainda sim, talvez e por isso, mesmo, os textos abrem para diferentes percursos e perspectivas que podem continuar a catapultar as múltiplas faces de um campo e destas conversas entre campos e territórios de saberes e investigação.

Convidamos a comunidade acadêmica da Educação em Saúde e do Ensino de Ciência e demais leitores (as) a prestigiarem os artigos reunidos neste dossiê temático da Revista ACTIO.

Expressamos, aqui, nossa gratidão aos avaliadores e avaliadoras que dedicaram seu tempo em prol do desenvolvimento de novos saberes, bem como aos pesquisadores e pesquisadoras que submeteram seus estudos a este dossiê.

Desejamos a todos(as) uma boa leitura!

REFERÊNCIAS

Cardoso de Melo, Joaquim Alberto (1981). Educação sanitária: uma visão crítica. In A. M. Canesqui, E. S. Camargo, & M. B. Barros (Eds.), *Educação e saúde* (pp. 28-43). São Paulo: Cortez. (Cadernos do CEDES, 4).

Mohr, Adriana; & Schall, Virgínia T. (1992) Rumos da educação em saúde no Brasil e sua relação com a Educação Ambiental. *Cad. Saúde Pública [online]*, v. 8(2), 199-203. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1992000200012>

Schall, Virgínia T.; & Struchiner, Miriam (1999). Educação em saúde: novas perspectivas. *Cad. Saúde Pública [online]*, 15(supl. 2), S4-S6. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1999000600001>

Recebido: 14 ago. 2026

Aprovado: 14 ago. 2026

DOI: <https://doi.org/10.3895/actio.v11n2.22338>

Como citar:

Marinho, J. C. M. & Ranniery, T. (2026). Editorial: Ensino de ciências e educação para e/em saúde: perspectivas, interfaces e conexões. *ACTIO*, 11(2), 1-7. <https://doi.org/10.3895/actio.v11n2.22338>

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

